

CAIAPÓS

OS ÍNDIOS EMPRESÁRIOS

A REPÓRTER ATENIEIA FEIJÓ E A FOTÓGRAFA NAIR BENEDICTO PASSARAM DEZ DIAS COM OS CAIAPÓS DA ALDEIA A-UKRE, NO SUL DO PARÁ. NUMA EXPERIÊNCIA INÉDITA NO PAÍS, ELAS AGORA ESTÃO EXPORTANDO PARA A EMPRESA INGLESA DE COSMÉTICOS BODY SHOP ÓLEO DE CASTANHA-DO-PARÁ.

A A-Ukre Trading Company é uma empresa comercial exportadora, constituída exclusivamente por índios. Ela fornece óleo de castanha-do-pará para a Body Shop — a famosa indústria inglesa especializada em cosméticos à base de produtos naturais — fabricar um produto muito especial: o “Brazilian Nut Conditioner”. Mas, se o fato é inédito, não chega a ser surpreendente a partir da informação de quem está à frente do negócio é o cacique Paulinho Paiakan. Afinal, ele sempre esteve na liderança dos movimentos nacionais e internacionais em defesa dos direitos e da autodeterminação dos índios brasileiros. Em um deles, no Encontro das Nações Indígenas, realizado em 1989 em Altamira (Pará), conheceu Anita Roddick, diretora da Body Shop. Entusiasmou-a tanto que ela resolveu investir



PAIAKAN NO ESCRITÓRIO DA A-UKRE TRADING COMPANY

na aldeia A-Ukre.

Nem por isso Paiakan deixa de se pintar de preto e se enfeitar com cocar, colares e braçadeiras coloridas para participar das festas de seu povo: os temidos guerreiros caiapós — famosos pela agressividade sempre que precisam defender suas terras. Como se não bastasse, ele ainda foi contemplado pela ONU, em 1990, com o Prêmio Global 500.

Quando cheguei a Redenção, uma pequena cidade no sul do Pará, encontrei Paiakan no escritório da empresa às voltas com sua agenda internacional e atento às mensagens em inglês e espanhol que ia recebendo e respondendo pelo fax. Ele estava com várias viagens programa-

das. Entre elas, a ida a Londres para mais um encontro com os diretores da Body Shop. Mas seu compromisso mais imediato era para o dia seguinte, levando Nair e eu a bordo do pequeno avião monomotor — de propriedade da empresa. Voaríamos para sua aldeia, uma das 15 existentes em território caiapó. A população caiapó está em torno de 3 mil pessoas, que vivem dentro da reserva de 3,2 milhões de hectares.

Após uma hora de voo, ultrapassando alguns picos e chapadas de uma cadeia de montanhas verdes, o monomotor sobrevoa uma imensidão de floresta virgem até alcançar o Riozinho, subafluente do Xingu. Em uma de suas curvas,

bem próximo à margem, avista-se A-Ukre, a aldeia com a grande praça circular de terra batida e vermelha, cercada pelas casas de paredes de taipa e telhados de palha — habitada por 230 índios. É fim de tarde. Do alto enxergam-se o arvoredo de fruteiras plantado junto às habitações e as várias trilhas que saem da aldeia rumo à floresta, às roças, ao rio e à pista de 1 100 metros, onde aterrissamos.

Em poucos instantes surgem índios de todos os lados que, apesar de vestidos, estão tingidos de jenipapo e urucum e ornamentados com miçangas no peito, nos braços e orelhas. Um ancião magro, de cabelos compridos e olhinhos brilhantes se aproxima sorrindo. É o

chefe Tikiri, pai de Paiakan. Todos falam ao mesmo tempo no seu idioma de origem e são calorosos. Paiakan explica que as *kuben* (forasteiras) são jornalistas e suas amigas. O esclarecimento é importantíssimo para quem conhece a espontaneidade dos temperamentos caiapós. São sempre os mais solidários e os mais hospitaleiros, quando querem. Não foi difícil, nos dez dias de permanência em A-Ukre, me deixar encantar pelos *mebêngôkre* — como se autodenominam os caiapós, chamando-se de “povo do olho-d’água”.

Nossas redes de dormir, minha e da Nair, foram armadas em uma casa próxima da fábrica de óleo de castanha. A ventilação e a luminosidade natural ficavam por conta dos buracos nas paredes de taipa — formados pelos espaços das ripas entrecruzadas propositalmente sem barro —, que funcionam como janelas. O mais impressionante era o telhado de palha. As folhas de *kicrê* (uma palmeira) são tão bem trançadas nos esteios e sobrepostas umas às outras que, mesmo chovendo bem forte, não entrava um pingão de água dentro da casa. Como ainda era inverno, que na Amazônia se estende de novembro a abril, fazia frio de madrugada. Mas a fogueirinha garantia o aquecimento durante toda a noite no interior das casas.

O primeiro amanhecer em A-Ukre foi enevoado.



CRIANÇAS BRINCAM NO CAMPO DE POUSO, ENQUANTO KRUUT "TIRA FOTO" PARA O PASSAPORTE



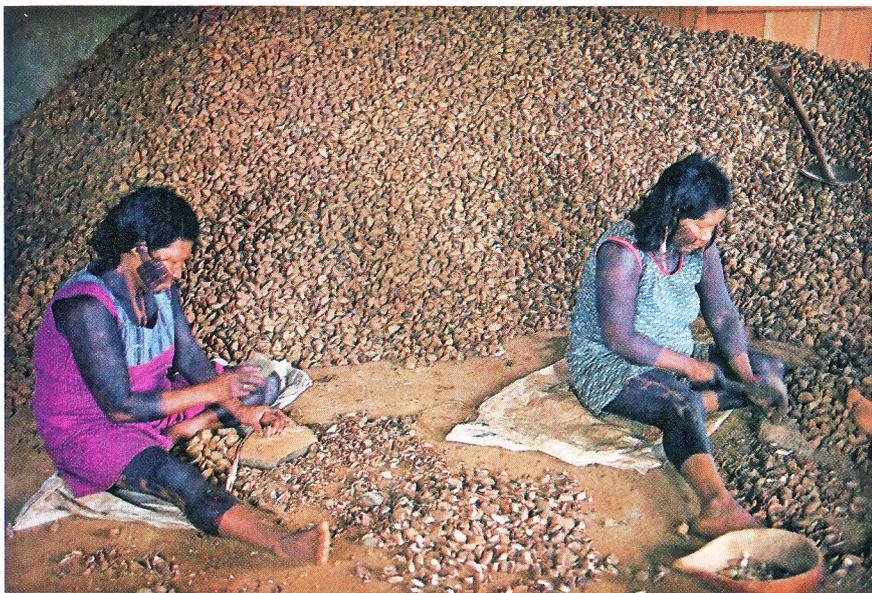
A MENINA CAIAPÓ MOSTRA OS OURIÇOS QUE AS MULHERES QUEBRAM, NO MEIO DA FLORESTA





AS ÍNDIAS ANDAM MUITO RÁPIDO NA MATA, DE ONDE VOLTAM CARREGANDO, NO MÍNIMO, 40 KG





AS ÍNDIAS QUEBRAM CASTANHAS-DO-PARÁ COM MARTELO

A visibilidade era quase nula. Uma bruma esbranquiçada encobria a aldeia, o rio e a mata. Mesmo assim, algumas mulheres retornavam da margem do Riozinho trazendo água em panelões para a comida, com os bebês encaixados na cintura. Outras se encaminhavam para a fá-

brica de óleo, instalada em um grande galpão construído à semelhança das casas, tendo como diferença apenas as janelas e portas de madeira. Dentro da fábrica não há sofisticções. Rodeadas de crianças e sentadas no chão de terra (o chão é sempre de terra), mulheres de todas as ida-

des, munidas cada uma com um martelo, quebram as cascas lenhosas e muito duras dos frutos, enquanto outras vão separando as castanhas descascadas. Do lado de fora, em um *taipiri* (espécie de caramanchão, coberto de palha), algumas maquinazinhas fixadas em mesas são manuseadas pe-

los homens, substituindo o martelo usado pelas mulheres. Essas maquinazinhas estavam em fase experimental mas já foram aprovadas e outras chegarão a A-Ukre para amenizar o trabalho.

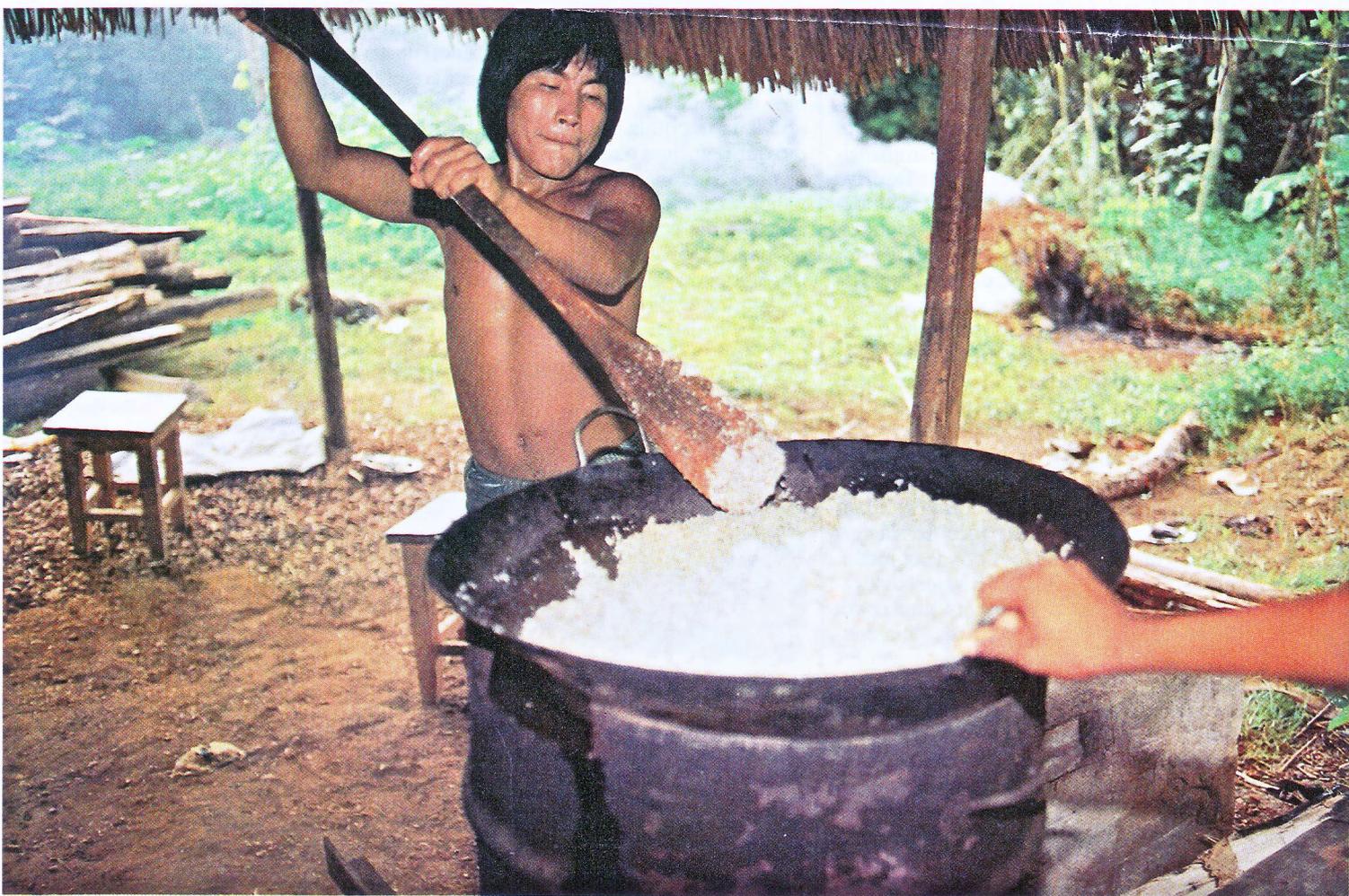
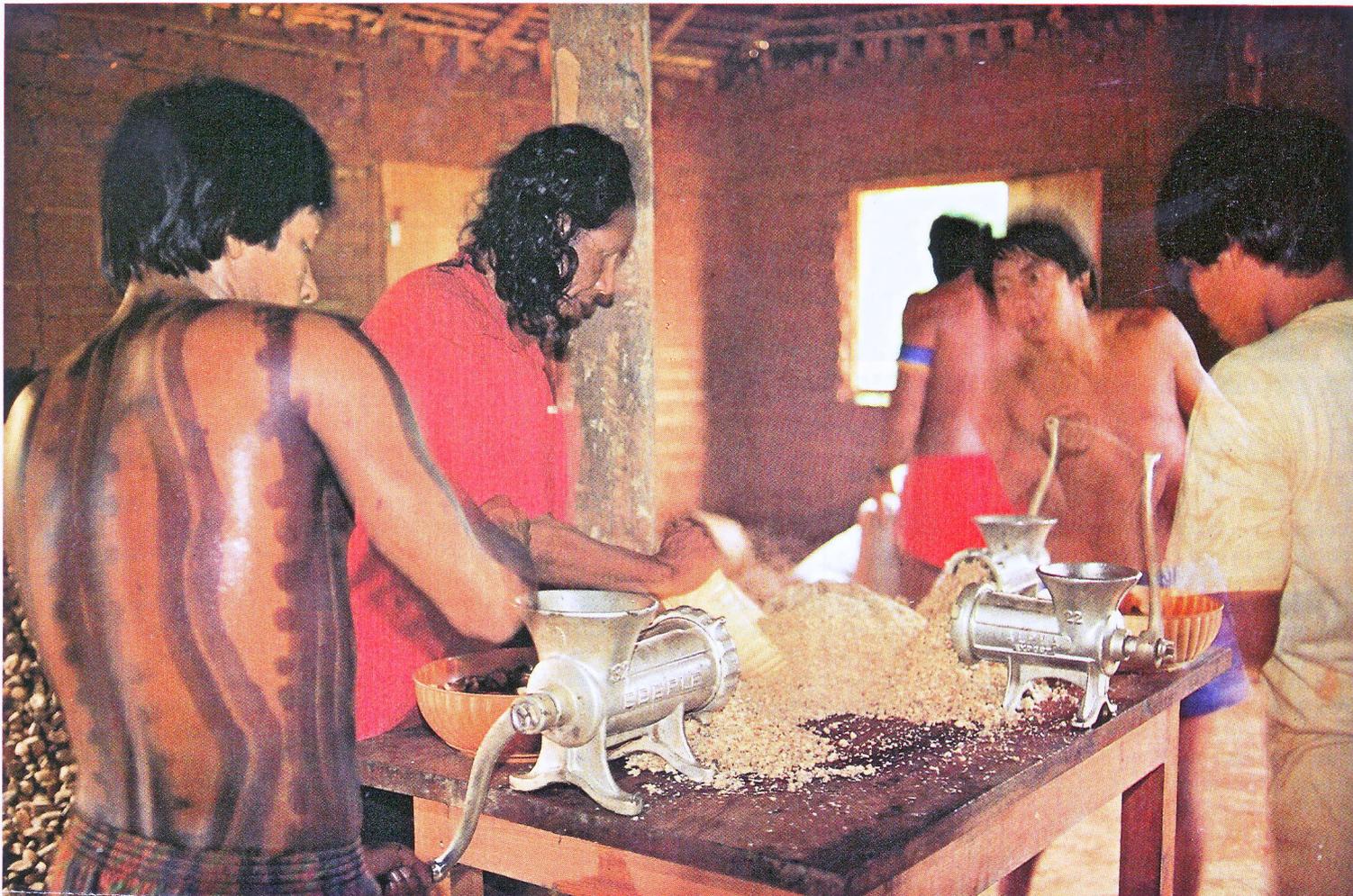
O complexo da fábrica dispõe ainda de pequenas máquinas de moer as castanhas (já descascadas) e da prensa para a retirada do óleo. Elas estão instaladas dentro do galpão, são de aço, bem simples e manuais. A filtragem do óleo para separar as impurezas se processa em coadores de pano e o controle de qualidade é feito visualmente, através de um recipiente transparente. Ou seja, não existe automação. Tudo é mecânico, respeitando o ritmo de vida da comunidade, que continua mantendo sua economia tradicional de subsistência. Ela é baseada na lavoura primitiva, na caça, na pesca e na exploração racional dos produtos da floresta. Entre eles, a castanha-do-pará, usada como alimento e remédio para reumatismo.

Sem atravessadores, o óleo chega à Body Shop totalmente puro, direto das mãos dos índios, que o acondicionam em tambores de 200 litros. Esses tambores são transportados de avião da aldeia para Redenção e de lá para o Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos, em São Paulo, com destino a Londres.

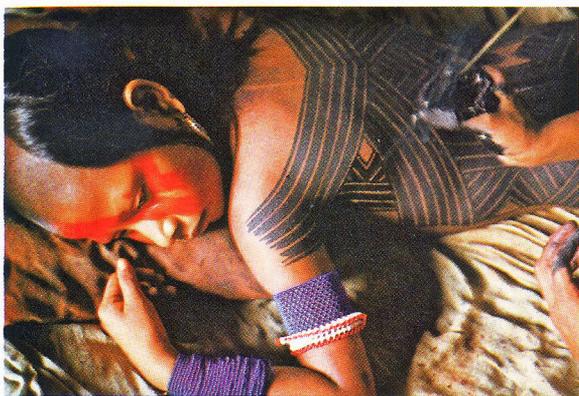
A fábrica tem 18 sócios. Todos caiapós, naturalmente. O crítico de escolha foi do próprio Paiakan e das lideranças secundárias. Eles indicaram, inclusive, os dois diretores, que anotam o nome dos índios e sua carga horária de trabalho diário no galpão. Na distribuição do lucro, os pagamentos são feitos de acordo com as horas ativas de cada um. Pelo acordo que rege a empresa, 80% do lucro líquido são destinados a investimentos na comunidade e 20% distribuídos individualmente pelos sócios. Ano passado, que foi o primeiro de ati-



OS HOMENS QUEBRAM CASTANHAS TRABALHANDO COM MAQUINAZINHAS MANUAIS, NO TAIPIRI



DESCASCADAS, AS CASTANHAS SÃO MOÍDAS PARA SEREM COZINHADAS EM ENORMES TACHOS



A PINTURA É UMA ARTE COTIDIANA

vidade, os índios produziram 1 500 quilos de óleo de castanha, o que lhes proporcionou a compra do terreno do hangar em Rendeção e de um sofisticado aparelho para o avião que permite a navegação orientada por satélite (o avião foi doado pela Body Shop). A meta este ano é alcançar 4 mil quilos. Mas Paiakan, como todo empresário internacional que se preza, não revela publicamente o lucro. Adianta apenas que espera poder comprar dois barcos e um novo avião para a aldeia e implantar projetos para assistência de saúde da comunidade. Não basta ser forte e bem nutrido para ficar invulnerável às doenças que os brancos podem transmitir. Ele é assessorado por Saulo Petean, técnico indigenista nascido em São Paulo e que está há 18 anos na Amazônia, contratado pela Body Shop para cuidar do trading de mercado comercial e orientar os caiapós nos negócios da empresa até atingirem a auto-suficiência completa. A grande vantagem da A-Ukre Trading Company é não pretender realizar negócios ou atividades que acarretem danos ao meio ambiente ou agressões à cultura das populações indígenas.

Os negócios, porém, são totalmente esquecidos quando a gente se depara com uma noite de lua cheia, sem nuvens, em A-Ukre. Ao luar, em plena floresta amazônica, a aldeia ganha uma dimensão mágica. A palha dos telhados das casas brilha em tons azulados

e a praça toma proporções imensas. Bem no centro do largo, envolta pela claridade prateada, a *mobi* (casa dos guerreiros), sem paredes e com os homens sentados no chão atapetado com folhas de palmeira, parece flutuar. As crianças brincam até tarde e os adultos tagarelam baixinho na língua *mebêngôkre*, enxergando tudo a sua volta. Há fatura de risadas, confirmando uma das características dos caiapós: a extroversão.

A casa de Paiakan, um pouco recuada das outras (fora do círculo), destaca-se por ser a maior e por ter um alpendre — também coberto de palha. Era exatamente na parte aberta da casa, iluminada nas noites escuras por um lampiãozinho a gás, que se formava a roda de líderes secundários, parentes e visitantes, para ouvi-lo contar histórias, falar da preservação da floresta e das questões indígenas, como, por exemplo, da autodeterminação e da exploração das riquezas de suas terras. Os caiapós (principalmente os de A-Ukre) se impuseram depois de muita briga. Contratados na década de 40, tiveram chance de reagir a todos os tipos de opressão. Afinal, os invasores chegaram a pé e em uma época em que a Amazônia estava mais isolada e não era tão cobiçada como agora. Ou seja, apesar de também terem sido contagiados por doenças dos brancos e quase dizimados, tiveram tempo para se organizar e resistir (guerreando e matando, inclusive) durante as décadas seguintes.

Na tarde que saiu de

barco para pescar no Riozinho e voltou ao escurecer com dois pintados, Paiakan nos chamou para saborearmos os peixes assados por ele, na fogueirinha do alpendre. Em um outro dia, nos levou para um banho de igarapé junto com sua família: a jovem esposa Iekran, as três filhas (de 9, 8 e 3 anos) e o cunhado Bengotí. Revelou-se um anfitrião de primeira e demonstrou como ainda está ligado às tradições de seu povo. Durante a “festa dos tamanduás”, ele se misturou aos guerreiros da aldeia que participavam da dramatização mitológica.

Com a partida de Paiakan (ele precisava resolver, em Brasília, os trâmites burocráticos de sua próxima viagem à Inglaterra), nos integramos mais às atividades cotidianas. Mas, quando os três homens com espingardas e as oito mulheres armadas de facões, carregando cestos, superlotaram a canoa cavada em um tronco de mogno, senti um pouco de medo — pelo excesso de peso. Havia ainda quatro crianças grandes, um bebê e a Nair com seu material fotográfico. O temor foi dissipado pela fisionomia tranqüila do índio que manjava o motor na popa da canoa, direcionando-a com segurança ao desviá-la das corredeiras e das pedras submersas. Com uns 50 metros, em média, de largura, o Riozinho se enrosca e desenrosca em

muitas curvas. A mata debruça-se sobre suas águas esverdeadas e de vez em quando surgem alguns arbustos com frutinhas vermelhas. Quando despenham no rio, essas frutinhas são disputadas pelos peixes. Depois de uns 30 minutos, o barco atraca em um barranco. Só então percebi que uma mulher trazia um pedaço de madeira com a ponta em brasa. Aquela forma primitiva de carregar o fogo me comoveu.

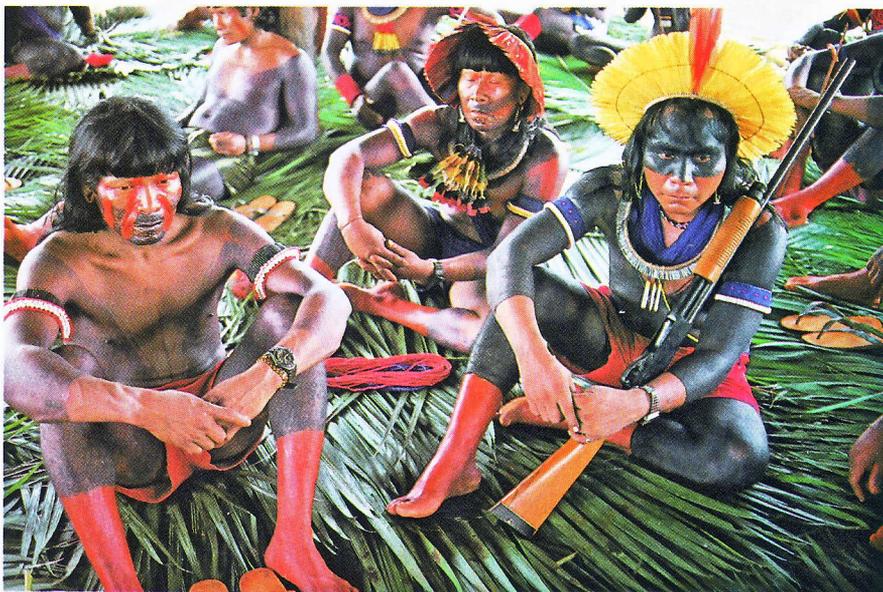
Em terra, os homens se embrenharam na floresta e sumiram. As mulheres retiraram dos cestos as bananas, as batatas-doces assadas, as bolachas, a garrafa térmica de café e começaram a comer, nos oferecendo os alimentos. Algumas afiaram as lâminas dos facões, outras acenderam seus *uarikôko* (cachimbos) na ponta de madeira em brasa. A que trazia os frutos de urucum amassou-os nas mãos e começou a tingir o rosto das companheiras de vermelho. A pintura corporal para os caiapós é mais que um ato de vaidade, os fortalece espiritualmente, dando-lhes coragem e proteção para enfrentar a vida. Na verdade, as mulheres preparavam-se para a caminhada, de cerca de uma hora, até o castanhal.

Totalmente coberto por uma camada de folhas úmidas, o solo da floresta abafava os passos curtos e rápidos das índias que avançavam em fila indiana por

uma trilha sinuosa e praticamente invisível. Bastava se distanciarem um pouco da gente que, em instantes, as perdíamos de vista por entre as árvores de espessuras e alturas diferentes, arbustos e plantas baixas. A floresta é sombria e por raros momentos se avista o céu. Como somente olhos muito experientes conseguem identificar a trilha a ser percorrida na camada fofa de folhas pisadas, não deu outra: Nair e eu nos perdemos. Mas as índias nos acharam rapidamente.

Após uns 20 minutos de caminhada, chegamos a um igarapé, sobre o qual um tronco de árvore servia de ponte. Vencida a “ponte”, a marcha continuou ainda por um bom tempo até a primeira castanheira.

O tronco surgiu majestoso. Com uns 80 a 100 anos de idade e 40 metros de altura, a castanheira nos exigia um certo esforço visual para enxergarmos sua copa, bem acima das copas das árvores em volta. As castanheiras soltam os ouriços que caem sozinhos. De modo geral, os índios começam a coletá-los a partir de fevereiro, escolhendo a ocasião de menor risco para não serem atingidos por um ouriço em queda livre — alguns chegam a pesar mais de um quilo. Isso quer dizer que, se cair na cabeça de alguém, mata. Por precaução, as mulheres

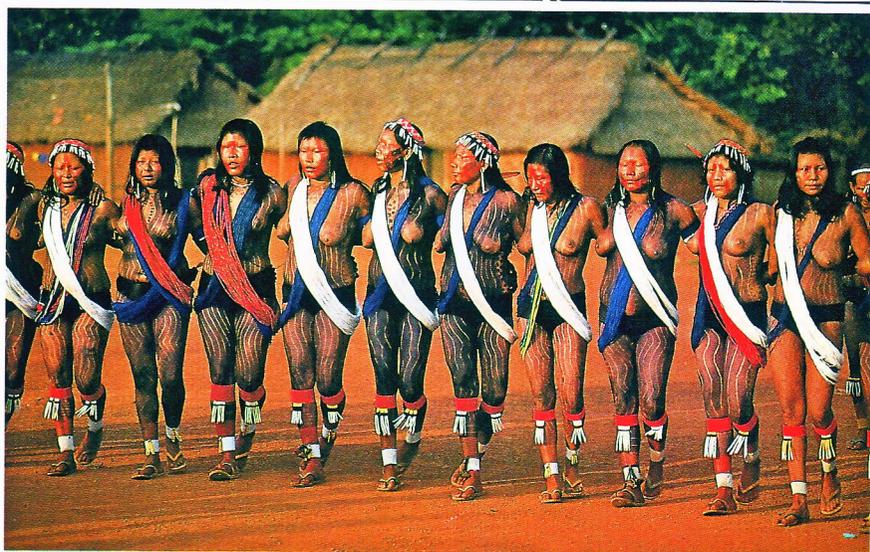


PAIAKAN, DE ESPINGARDA, NA FESTA DOS GUERREIROS

abrem uma pequena clareira no chão (cortando arbustos e plantas menores), afastada da castanheira, onde empilham os ouriços. Sentam-se em roda e começam a abri-los com golpes rápidos e fortes da lâmina do facão. Retiram as castanhas. Em cada ouriço encontram de dez a 12 castanhas. Os frutos são colocados dentro de paneiros (cestos). Mas antes elas aumentam os recipientes com um engenhoso arranjo com folhas de bananeira brava colocadas em sua interior e fechadas em forma de pacote bem acima da borda dos paneiros, que têm uma alça larga (feita com uma fibra da casca de uma árvore). As mulheres fixam essa alça na cabeça, carregando-os nas costas. Dessa forma, cada mulher transporta de 40 a 60 quilos de castanhas por seis a dez quilômetros, no mínimo. No caminho de volta, elas percorrem o tronco sobre o igarapé e param. Desvencilham-se da carga e banham-se com alegria. Retomam o peso e a trilha, e chegam à

margem do Riozinho, onde os homens as esperam. Tinham caçado um mutum e um quati.

Em um outro dia, embarcamos em uma canoa lotada de homens municiados de machados. Eles tinham como tarefa trazer lenha da mata para a fábrica de óleo. Antes da prensagem, a massa — obtida com as castanhas descascadas e moídas — passa por um processo de cozimento lento. Vai ao fogo em tachos, em banho-maria. A aparente modorra na aldeia camufla o trabalho intenso dos *mebêngôkre*. Para começar, a soma de todos os percursos vencidos durante o dia resulta em muitas horas de caminhada. Até para chegar às roças (elas são familiares) anda-se muito. No meio da floresta, elas estão sempre onde a terra é mais apropriada, escolhida a dedo (a fertilidade nada tem de casual). E mais: na roça há bem mais trabalho do que se imagina, como, por exemplo, a debulha do milho e a ralação da mandioca. A aldeia, preferencial-



AS ÍNDIAS EXIBEM SUA DANÇA, NA FESTA DAS MULHERES

mente, fica reservada para o descanso e o lazer. Um dos flagrantes mais bonitos aconteceu em um entardecer, quando procurávamos Irepá — uma índia roliça, com netos da idade de seus filhos menores —, que exerce uma acentuada liderança entre as mulheres. Kruut, seu marido, nos informou que ela estava reunida em uma casa, com um grupo feminino. Não havia qua-

se luz. Mesmo assim, as mãos brilhavam, enegrecidas com o sumo de jenipapo. Nuas, entre as paredes de taipa e sob o telhado de *keicré*, as mulheres se pintavam inteiramente umas às outras. A noite caiu nublada, trazendo a escuridão absoluta. Imperturbáveis, elas continuaram se produzindo com o auxílio de uma lamparina, de minha lanterna e a da Nair. De

manhã, depois do banho no rio, surpreendemos Poteketi trabalhando na pele de sua filha, a menina Poteketi. Com uma vareta fina e flexível, molhada na tinta de jenipapo, ela ia formando desenhos a partir das linhas traçadas com o maior cuidado para manter a simetria perfeita na obra criada no corpo de Poteketi: uma obra incrível de arte plástica. Mais incrível ainda: uma obra permanentemente inserida no cotidiano. Quando a pintura desbota, depois de alguns dias, é refeita — simplesmente.

Deixamos A-Ukre levando vários tipos de imagens e sentimentos. A bordo novamente do monomotor, passei a enxergar melhor a paisagem lá embaixo: a floresta densa, os rios, a cadeia de montanhas, as chapadas, as veredas com os buritis margeando os cursos de água, as piscinas naturais, o canyon e as cachoeiras nas terras dos *mebêngôkre*. Avistei também uma chaga imensa no meio da mata: o garimpo Maria Bonita, próximo à aldeia Gorotire. Em torno de Redenção, os pastos imensos das fazendas de gado e as madeireiras. O avião aterrissa e taxia junto ao hangar da A-Ukre Trading Company: uma esperança de desenvolvimento e preservação. Afinal, Paiakan é o cacique e as castanhas soltam os ouriços que caem sozinhos, como um presente da floresta. Mas, para isso, ela precisa existir. ■

ECOLOGIA DÁ LUCRO

Trade, not aid, que significa "comércio, não ajuda", é o princípio adotado por Anita Roddick (convidada para a Eco-92), que comanda a Body Shop, em suas relações com os povos das florestas tropicais e comunidades carentes.

O Projeto Caiapó, em que os índios brasileiros fabricam óleo de castanha-do-pará, é a menina dos olhos de Anita, uma ex-hippie de 48 anos, que defende apaixonadamente a ecologia e os direitos humanos. "De todas as comunidades com que lidamos, é a com menos influência cultural do Ocidente, e a de acesso mais difícil. As matérias-primas que os caiapós produzem chegam puras até nós, sem intermediário, e na quantidade que eles próprios estipu-

lam, de forma a não interferir nas suas atividades rotineiras." Até o final de 1992, mais três aldeias caiapós, além da A-Ukre, deverão fabricar o mesmo óleo para a Body Shop.

Nas lojas desde setembro passado, o condicionador de cabelos feito com óleo de castanha-do-pará é líder de vendas entre os 300 itens da linha da Body Shop, que logo incluirá produtos para banho à base de óleo de babaçu e outros feitos com a tinta vermelha de urucum, matérias-primas também usadas nas aldeias caiapós.

A empresa, com sede em Sussex, Inglaterra, atua em 39 países, onde mantém 700 lojas, que ainda não chegaram ao Brasil porque Anita diz não ter encontrado aqui um empresário que faça negócios no seu estilo. A Body Shop consegue computar lucros fantásticos — também aplicados em projetos comunitários e ecológicos, como a

ajuda às crianças aidéticas da Romênia e a luta pela preservação das florestas tropicais. O faturamento previsto para 1992 é de 500 milhões de dólares, com um crescimento de 10% das vendas na Grã-Bretanha e 25% no exterior.

Todo esse império surgiu de uma simples fábrica caseira de cosméticos à base de cacau, banana e ervas, montada no quintal da pousada que Anita mantinha em Brighton, no sul da Inglaterra, em 1976. Gordon Roddick, seu marido, assumiu a administração financeira do negócio em 77, unindo seu tino comercial ao idealismo e audácia da mulher. Em três anos, novas lojas começaram a ser abertas na Europa, em regime de franchising. Anita e Gordon foram buscar em países distantes matérias-primas exóticas, que seriam responsáveis pelo grande sucesso da empresa.

Depois de visitar a aldeia

A-Ukre em 1989, Anita voltou com a mochila cheia de sementes e frutos utilizados pelos índios, para analisá-los em laboratório na Inglaterra. Além da castanha-do-pará, do urucum e do babaçu, ela se interessou pelo açáí, cupuaçu, jenipapo, murumuru, inajá, pequi, curare e andiroba, que têm diversas propriedades. A Body Shop também contratou um laboratório em Belém, para fazer pesquisas com produtos da floresta amazônica.

A Body Shop ainda tem outros projetos envolvendo comunidades carentes, como as do Nepal, que fornecem papéis reciclados de carta, feitos de folha de bananeira e de jacinto das águas. Da Índia, por exemplo, vêm rolos de madeira para massagear os pés. "Sempre levamos em conta as consequências ecológicas e sociais de todas as decisões tomadas pela empresa", afirma Anita.

Renée Castelo Branco